

# **Universidade Aberta para a Maturidade: avaliacao crítica de uma avancada proposta educacional e social**

*Antônio Jordao Netto*\*

*Resumo:* Consideracoes e constatacoes a respeito das mudancas na concepcao do conceito de velhice, mostrando como as pessoas estão encarando essa nova etapa de suas vidas, recusando-se a aceitar o ócio e a inatividade. Dentro dessa nova postura é destacado o contexto social em que surgiram as então chamadas "Universidades Abertas para a Terceira Idade", apontadas como um dos novos caminhos a seguir como forma de integração e participacao do segmento idoso, mostrando as conquistas já realizadas por elas como proposta de educação permanente, assim como indicando algumas das dificuldades ou barreiras que precisam transpor para atingirem de modo completo os seus objetivos.

## **As mudancas no concepcao do envelhecimento humano**

Antes de qualquer reflexao a respeito do significado e importancia da proposta pedagógica e social representada pela maior parte dos cursos oferecidos pelas diferentes instituicoes de ensino superior do país aos grupos etários mais avancados da populacao brasileira, sob a forma de extensao cultural, é indispensável se fazer algumas consideracoes sobre as mudancas ocorridas na concepcao sobre o envelhecimento humano como um todo, pois o próprio surgimento dessa nova atividade educacional está inserido no quadro das transformacoes demográficas que a sociedade mundial vem conhecendo a partir da segunda metade do século XX.

De fato, o envelhecimento humano, que 40 ou 50 anos atrás era um assunto que se restringia, quase que exclusivamente, á esfera privada e familiar, passou, sobretudo depois dos anos 60, a se transformar numa questão social e politica da maior importância no mundo contemporâneo.

Na esteira de tais transformacoes foram surgindo propostas, pro-gramas, projetos, politicas, associacoes de idosos e, com destaque, um novo ramo do saber científico, denominado gerontologia, tudo isso evidenciando que o envelhecimento humano assumiu o *status* de fenômeno, com o qual todos precisam aprender a conviver, estudar e apresentar solucoes para seus aspectos problemáticos atuais e flituros, envolvendo especialistas, governos e a populacao em geral, na medida em que suas repercussões são amplas e significativas.

De outra parte, é importante assinalar que o espantoso crescimento da populacao com mais de 60 anos, em nível mundial, provocou, inclusive, a necessidade de se fazer uma espécie de remapeamento do curso da vida humana, ou seja, o estabelecimento de novas etapas entre a vida adulta e a velhice propriamente dita. Surgiu, assim, de inicio na Franca, o conceito de "terceira idade", uma categoria socialmente construida, trazendo consigo um discurso diferente e impondo outras práticas, visando entender e lidar melhor com o envelhecimento das pessoas, entendendo-se que estava passando a existir, entre a jovem idade adulta (até os

---

\* Doutor em Sociologia pela Pontificia Universidade Católica de Sao Paulo. Gerontólogo titulado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Coordenador da Universidade Aberta para a Maturidade, COGEAE - PUC-SP. Coordenador dos cursos da Universidade Senior Sant Anna, do Centro Universitario Sant Anna, SP.

60 anos) e as idades muito avançadas (após os 80 anos), uma fase marcada por características próprias e diferentes perspectivas sociais.

Em verdade, a construção social representada pelo conceito de "terceira idade", longe de ser um mero exercício intelectual ou uma artimanha semântica para camuflar a realidade muitas vezes incômoda representada pelas limitações naturais do envelhecimento, está apoiada nos dados concretos do crescimento demográfico dos segmentos etários mais elevados e do aumento da expectativa de vida em todo o mundo, seja nos contextos sociais mais desenvolvidos, seja nos menos avançados.

O Brasil, por exemplo, que em 1950 ocupava a 16<sup>a</sup> posição entre os países com maior número de pessoas com 60 anos e mais, alcançará, segundo projeções para o ano 2025, o sexto ou quinto lugar, exibindo um dos mais rápidos processos de envelhecimento populacional do mundo, comparável apenas ao México e à Nigéria.

Da mesma forma, a expectativa de vida dos brasileiros, que por volta de 1900 era de apenas 33,7 anos, em 1950 passou para 43,2 anos, subindo em 1960 para 55,6 anos e chegando no ano 2000 a 68,6 anos, sendo que para 2025 projeta-se que atingirá os 75,3 anos. Acrescente-se a tais dados o fato de que aqui se vivia pouco e mal, sendo que a minoria de cidadãos que chegava a atingir idades mais elevadas vivia amplamente marginalizada, com pouquíssimas oportunidades de exercer alguma atividade, remunerada ou não, sendo restritas suas possibilidades de participação social expressiva dentro de suas respectivas comunidades. Em tais condições, uma pessoa com mais de 40 anos era, geralmente, considerada "velha" e "acabada" para o exercício de papéis sociais importantes, cabendo-lhe apenas funções secundárias tipo «avó" ou "avó", auxiliares de atividades domésticas, prestadores de pequenos serviços sem muita responsabilidade, e assim por diante.

Atualmente já se constatam mudanças de atitudes importantes nas diferentes sociedades frente ao envelhecimento, mesmo nos países pouco desenvolvidos. Na medida em que o conceito de «terceira idade" passou a ser cada vez mais aceito, admitindo-se que seus integrantes têm condições de manter ainda uma série de atividades importantes, tanto profissionais como sociais, e que podem - e devem - exercer plenamente sua cidadania, percebeu-se que existia uma série de potencialidades positivas não realizadas pela categoria e que, se bem exploradas, poderiam redimensionar o seu lugar social.

Tais possibilidades foram destacadas por Martins de Sá (1998:20) a partir dos estudos mais recentes na área da gerontologia social:

- a terceira idade é o momento de melhor avaliação crítica da vida, em virtude das experiências acumuladas, tornando as pessoas mais detalhistas e pacientes;
- a crescente sabedoria permite uma maior capacidade de julgamento;
- a elementaridade permite a distinção entre o banal e o fundamental;
- o reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade de atuação com um nível surpreendente de envolvimento pessoal, que, por sua vez, estimula a criatividade;
- a velocidade é substituída pela acuidade; a capacidade de recordação aumenta e a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência;
- o envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário;
- as paixões e a volúpia são substituídas por deleites mais refinados;
- a questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano da partilha, da intimidade, do toque entre pessoas;
- atitudes e preferências ganham maior estabilidade;
- a participação política e de cidadania torna-se mais efetiva;
- há menos temor da morte e a força do corpo é substituída pela força do espírito.

## **A recusa ao ócio e a inatividade na idade madura**

Ora, trabalhando e estimulando tais possibilidades, tem sido possível quebrar a tradicional forma pela qual a vida era antes escalonada, ou seja, infância/adolescência/juventude/idade adulta/velhice, associando-se a cada período práticas consideradas próprias aos mesmos, sendo que era estabelecido que as crianças deveriam brincar, os adolescentes e jovens estudar, os adultos trabalhar e os velhos descansar.

Revertendo tais concepções e práticas, a tendência cada vez mais aceita é que ao atingir a terceira idade cada um deve evitar, de todas as formas, se entregar à ociosidade pura e simples ou permanecer totalmente inativo. Com o aumento da expectativa de vida e das taxas de sobrevivência (número de anos que a pessoa pode esperar viver após os 60 anos), crescem as oportunidades de realização e satisfação de muitas coisas que não puderam ser conseguidas quando se estava preso ou presa às obrigações profissionais ou familiares.

Dispondo, teórica e praticamente, de maior liberdade de tempo e de escolhas, numa proporção maior do que em qualquer outro momento de sua existência, os indivíduos podem ter acesso a coisas e atividades que preencham suas horas livres de forma atraente e gratificante, sem o peso de obrigações rígidas, horários apertados, tarefas desagradáveis, imposições insuportáveis, chefias ou supervisões sufocantes, dependência de transporte em horários de pico, solicitações impositivas no trabalho e no lar, enfim, pressões de todos os tipos pelo fato de estarem engajados rigidamente no mundo da produção e das responsabilidades de sustentação e criação do universo familiar.

Há também a considerar - com destaque para os países pobres - que, não obstante a ideia de velhice esteja ainda muito associada à decadência física, doença e miséria, com os avanços dos conhecimentos e dos tratamentos geriátricos e com a lenta melhoria das condições econômicas da população e dos programas de assistência social, já não se pensa tanto nos idosos como cidadãos debilitados, incapazes, totalmente dependentes, fracos, sem vontade própria e sem meios de lutar pelos seus interesses.

Cada vez mais, os próprios idosos estão rejeitando as representações negativas a respeito da idade e vencendo os preconceitos, os estereótipos e as barreiras que cercam a sua condição. Descartando os falsos pudores e os falsos moralismos estabelecidos por normas sociais hipócritas e valores farisaicos, que procuram impor aquilo que podem ou não fazer, como devem se comportar, se vestir ou onde podem ou não ir, eles estão buscando novos espaços e novas formas de participação social.

## **O surgimento das universidades abertas para a terceira idade**

Foi sob a influência de todas essas mudanças demográficas e comportamentais que foram planejados os cursos de extensão cultural destinados à terceira idade dentro das instituições brasileiras de ensino superior, seguindo o exemplo pioneiro lançado na França pelo professor Pierre Vellas, na Universidade de Toulouse no início dos anos 70, e que rapidamente se alastrou por todos os demais países do mundo.

Norteou também a criação de tais cursos a preocupação em saber e considerar duas questões básicas:

a) que representações estavam sendo criadas pelos idosos e idosas brasileiros a respeito dessa nova etapa da vida e como essas representações estavam sendo apropriadas, rearticuladas, redefinidas e vivenciadas por eles;

b) que tipo de público tais cursos (criados inicialmente com a denominação de Universidade Aberta à Terceira Idade ou para a Terceira Idade) poderiam mobilizar e em que medida a participação desse público nos diferentes cursos oferecidos poderia fazer com que ele viesse a rearticular suas concepções e o conjunto de práticas sobre o envelhecimento e a veihice.

Sem seguir inicialmente um modelo comum ou propostas preestabelecidas, nem se amarrar às características do ensino formal determinadas por órgãos reguladores das atividades acadêmicas, os primeiros projetos tinham por objetivos, segundo Martins de Sá (1998:21),

uma participação objetiva na sociedade, o que implicava em:

- reordenamento da vida cotidiana do cidadão idoso;
- regresso do cidadão ao cotidiano, como indivíduo mais educado, capaz de lidar com as próprias emoções e com situações de conflito; capaz de compreender o processo de envelhecimento, sabendo ser velho com dignidade; capaz de enriquecer e ampliar o seu "ser social", rompendo obstáculos a uma efetiva comunicação, ao relacionamento e à interação; capaz de engajar-se num trabalho criador ligado à arte, à ciência, à moral e à ação coletiva.

Dentro de tais perspectivas e sem entrar em filigranas epistemológicas e pedagógicas, havia uma preocupação mais ou menos generalizada em proporcionar aos interessados em participar dos cursos das "Universidades Abertas" (considerando-se as diferentes denominações que passaram a ser utilizadas em cada instituição de ensino superior para designar seus respectivos projetos) amplas oportunidades de reciclagem e atualização cultural, orientações para uma vida saudável e diversas atividades socioeducativas e culturais.

No que se refere à reciclagem e atualização cultural, a ideia busca sintonizar os alunos com o mundo contemporâneo, colocando-os a par das situações e dos problemas da atualidade, dando-lhes condições de conhecê-los e discuti-los com conhecimento de causa e segurança. As matérias lecionadas envolvem assuntos ligados às ciências sociais, abrangendo sociologia, política, antropologia, geografia, história, filosofia, economia, entre outras.

Quanto às orientações para uma vida saudável, o intuito é estruturar aulas que ensinem os alunos a cuidar da saúde física e mental, tarefa realizada por médicos geriatras, nutricionistas, fonoaudiólogos e psicólogos, entre outros terapeutas.

Relativamente àquilo que envolve atividades socioeducativas e culturais, o objetivo é proporcionar aos alunos conhecimentos teóricos e práticos sobre artes plásticas, literatura, música, cinema, teatro, entre outros, procurando estimular não só o conhecimento sobre tais campos, como incentivar sua própria criatividade e produção cultural, despertando capacidades e talentos talvez nunca antes percebidos por eles mesmos.

Cumprido destacar, desde o início, que o conjunto de todas essas atividades dá sequência a uma proposta de educação permanente, isto é, trata-se de um processo duplo de aperfeiçoamento integral e sem solução de continuidade dos seres humanos, desde o seu nascimento até o fim de seus dias e se traduz tanto pela experiência individual quanto social, de aprofundamento de conhecimentos, sejam informais (extraídos de suas próprias vivências) ou formais (obtidos por meio de sua participação tanto num sistema educacional organizado em diferentes níveis de complexidade, como no sistema independente da universidade aberta).

## **Universidades abertas e o conceito de educacao permanente**

Dessa forma, os cursos da Universidade Aberta dizem respeito a uma proposta pedagógica que procura trabalhar e desenvolver esse conceito de educacao permanente, voltando-se para a atualizacao, valores e atitudes das pessoas maduras, tanto no que diz respeito as suas atividades sociais, culturais e politicas individuais, como coletivas, incentivando o exercicio da cidadania.

Dentro de tal abordagem, os projetos se desenvolvem quer pelo prisma que possibilita a integracao social dessas pessoas num mundo em constante transformacao, como pela vertente que lhes possibilita participacao ativa nesse mundo em evolucao tão rápida que torna permanentemente instável seu equilibrio. Mas, ao mesmo tempo, é dada enfase á idéia de que na maturidade as pessoas carregam, nelas mesmas, a capacidade de se superarem, de renovarem a sociedade e também a si próprias.

Parte-se, assim, de um pressuposto segundo o qual se *no primeiro estágio* de suas vidas essas pessoas foram *objeto* do processo de socializacao, ou seja, determinadas socialmente, *no segundo estágio* foram *sujeitos* daquele processo, isto é, determinando-se e adaptando-se, de maneira ativa, aos diferentes papéis sociais e ás exigencias do funcionamento da sociedade, *no terceiro estágio* devem ser *agentes* áe *socializacao*, quer dizer, devem agir, ao mesmo tempo, *nas* e *sobre* as condicoes estruturais do exercicio do processo, sendo, por conseguinte, verdadeiros *agentes sociais* e não meros reprodutores de atitudes e valores preexistentes na sociedade, tornando-se, de fato, capazes de *produzir* novos valores e atitudes.

Há, aliás, um outro grande fator de interesse para os alunos dentro do processo quando os cursos privilegiam o principio do prazer como determinante de seu funcionamento. Tal principio está baseado desde a não exigência de pré-requisitos formais para o aluno se inscrever (não precisa apresentar diplomas, nem certificados de cursos anteriores), até a inexistência de provas, exames e trabalhos escritos ao longo de todo o período de aulas, passando pelo fato de ele estar ali não por pressões familiares ou sociais, por exigências do mercado de trabalho ou para tirar um diploma qualquer, mas em busca espontânea de ampliacao de seu horizonte cultural, do seu crescimento como pessoa, de uma melhor compreensão do mundo em que vive e de um conhecimento melhor de outros seres humanos, com vistas a um convívio mais feliz e á obtencao de uma melhor qualidade de vida num momento em que antes só havia motivo para descrenca, depressão e ansiedade. Logo, numa sociedade que perversamente ainda marginaliza e estigmatiza os mais velhos, como se envelhecer fosse um crime, um delito horroroso e não apenas a consequência natural de um processo biológico, o surgimento de um espaço de convívio educacional e social representou, pelo menos para o segmento de pessoas maduras mais conscientes, um canal extraordinário de redencao, de encontro de uma nova perspectiva de viver.

## **Uma nova perspectiva de viver e participar**

As Universidades Abertas passaram a significar para tais grupos uma oportunidade sem igual para reencontro ou redescoberta de seu potencial, de se perceberem como seres humanos que deviam e podiam se valorizar como cidadãos ativos e participantes, recuperando sua auto-estima, resgatando sua auto-imagem e mostrando aos seus familiares e á sociedade como um todo a capacidade de pensar e agir por si mesmos e, sobretudo, ir á luta pelos seus direitos e conquistas de novos objetivos e metas.

Outro ponto básico relativo aos projetos é que a questão do idoso sempre foi tratada como um assunto prioritário, tanto nos seus aspectos demográficos, como humanísticos e instrumentais, envolvendo e destacando o papel da Universidade frente às demandas da sociedade.

A resposta dada por eles não só vem atendendo ao crescimento numérico da população de meia-idade e de maior idade, como tem proposto formas de acabar com o desrespeito e discriminação de que seus representantes são vítimas no Brasil, pois, além de terem enfrentado, ao longo de sua vida de trabalho, grandes restrições ao pleno exercício da cidadania, quando se retiram das atividades profissionais ou encerram ou diminuem suas responsabilidades domésticas e familiares, passam a ser considerados cidadãos de segunda classe, como pessoas improdutivas e até mesmo apontadas como sinônimo de encargos penosos para o Estado e para a sociedade, responsabilizados frequentemente como os grandes vilões dos “déficits” da previdência oficial, quando todos sabem que a história é bem outra.

Relativamente à questão instrumental, os cursos das Universidades Abertas têm procurado lidar com os seus alunos não apenas como pessoas merecedoras de atenção específica, mas como gente capaz de contribuir para a melhoria não somente de sua própria condição, como para concorrer para a melhoria da comunidade onde vivem, participando de programas voltados para outros segmentos etários também marginalizados.

Por meio desse tipo de trabalho, tem sido possível tanto valorizar o aluno, como reinser-lo no meio social onde ele vive, considerando que a maioria é formada por pessoas aposentadas e por pessoas do lar, mulheres que geralmente levaram uma vida inteira de sacrifícios e lutas para cuidar do marido e filhos. Boa parte de tais pessoas chega deprimida pelo desprestígio social dado aos inativos ou magoada pelo esquecimento familiar. Carregam, quase sempre, perdas de todos os tipos: perda do papel profissional, perda dos papéis domésticos de relevo, perda de *status* dentro da comunidade, perda das relações com os colegas de trabalho, perda de importância como trabalhador, perda do respeito e consideração dos parentes.

O que tem sido constatado é que todas essas perdas contribuem para que tais pessoas em situação de plena ou pré-terceira idade acabem, em maior ou menor proporção, entrando em profunda crise de identidade. Em função de tal crise, elas acabam por se isolar, por se fechar, desinteressando-se de tudo e caindo em profunda depressão. Daí é um passo para a neurastenia, alcoolismo, dependência de medicamentos calmantes ou estimulantes, de drogas para dormir e assim por diante. É comum, inclusive, entrarem em conflito com familiares (rompimento com filhos, netos, noras, genros e mesmo separações inesperadas entre marido e mulher) e, com mais frequência do que se imagina, acabarem se suicidando, seja de forma radical, acabando violentamente com a própria vida, seja de uma forma lenta, abdicando aos poucos de viver.

Esclareça-se, entretanto, que nem todos aqueles que procuram os cursos das Universidades Abertas são indivíduos deprimidos, desconsolados ou carregados de perdas. Há, em quantidade bastante razoável, pessoas de perfil psicológico bastante otimista, cheias de alegria de viver, que enfrentam galhardamente a passagem do tempo. Para estas a frequência às aulas é um prazer constante e seu comportamento um grande estímulo para as demais que chegam meio por baixo, contribuindo, junto com os professores, no processo de reabilitação e integração do conjunto de alunos.

### **Avaliação final: conquistas e questionamentos**

Colocados os aspectos básicos e as características gerais dos cursos das Universidades Abertas, onde buscou-se mostrar como eles vêm atendendo de forma muito positiva às

demandas demográficas, humanísticas e instrumentais relativas a uma parte considerável da população brasileira considerada dentro da categoria social "terceira idade", cabe agora uma avaliação final sobre o assunto destacando alguns pontos da proposta que têm merecido reparos.

Antes, porém, vale reafirmar que o grande ponto de destaque dos cursos de extensão cultural voltados para aquele segmento, englobados pela nomenclatura geral de Universidades Abertas, é representado pelo fato de se tratar uma propositura que significa não só uma verdadeira revolução pedagógica, em termos de educação permanente, como uma revolução cultural.

Trata-se de uma revolução pedagógica porque, usando princípios de autores consagrados como *Rogers, Piaget e Paulo Freire*, tem possibilitado uma interação entre os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da vida de maneira empírica e informal, com os conhecimentos científicos passados de maneira formal e sistemática pelos professores.

O resultado dessa interação se traduz, então, num casamento extraordinário entre a vivência e a sabedoria, coisas que só o tempo costuma proporcionar verdadeiramente, com os avanços da ciência nos mais diversos campos do saber humano, fornecendo aos alunos um cabedal altamente diferenciado para entenderem e viverem melhor o mundo e as pessoas. E nesse sentido eles levam uma grande vantagem sobre os alunos mais jovens de outros tipos de cursos e até - segundo o próprio depoimento de professores que lecionam também em cursos universitários regulares - apresentam um aproveitamento maior porque se interessam mais pelas aulas, faltam muito menos e têm uma curiosidade mais aguda por todos os assuntos apresentados, crivando de perguntas os mestres no final de cada exposição, num contraste flagrante com a indiferença e a falta de participação da maior parte dos universitários brasileiros da atualidade.

Por outro lado, os cursos de extensão em tela representam uma revolução cultural porque democratizam a possibilidade de acesso ao conhecimento científico sem exigir dos alunos a apresentação de diplomas ou certificados, nem criam barreiras de exames de acesso ou os submetem a provas ao longo dos semestres para promovê-los de um determinado estágio para outro. Assim, pessoas com os mais diferentes níveis de conhecimento ou escolaridade podem se inscrever, exigindo-se delas apenas um limite mínimo de idade (que varia de curso para curso, mas que de um modo geral parte de 45 anos) e, assim mesmo, com alguma flexibilidade.

Na realidade, pode-se afirmar que os cursos de extensão para a terceira idade, que no ano 2000 já chegavam, em todo o Brasil, na casa dos 140, representam uma conquista educacional sem precedentes e que muitos dos seus aspectos talvez sirvam de parâmetro para mudanças na própria estrutura e funcionamento da Universidade tradicional. Aliás, nesse sentido, é possível até conjecturar, talvez sarcasticamente, porém com alguma ponta de verdade, que um projeto que contempla os grupos de terceira idade, justamente por se tratar de uma proposta atualizada, que reflete muito de perto as transformações da sociedade nacional e atende a algumas de suas demandas, possa vir a servir de modelo e inspiração para as atuais universidades brasileiras, quem sabe desesclerosando-as. Contudo, apesar de toda a aceitação e sucesso da empreitada, há, como já se assinalou, diversos reparos ou pontos considerados problemáticos a expor, embora isso não invalide seus princípios ou comprometa seu funcionamento.

Partindo-se, inclusive, dos aspectos básicos sobre os quais se assentam a própria proposta da criação dos cursos, ou seja, os aspectos demográficos, humanísticos e instrumentais, há analistas que considerando o primeiro aspecto fazem restrições quanto à proporção de pessoas da terceira idade atendidas pelos cerca de 140 projetos existentes no país, afirmando que apenas uma pequena fração tem, de fato, acesso a eles, na medida em que 58% estavam sendo, no final do século XX, desenvolvidos em instituições de ensino superior particulares, onde os

alunos pagavam para estudar, sendo que apenas 31% ocorriam em escolas públicas.

Sob tal prisma alegam que, embora boa, a proposta seria elitista, pois estaria deixando de lado o grosso da população idosa, formada, na sua maioria, por pessoas de baixa renda, que não podem pagar pelo curso nas instituições privadas. Quanto à possibilidade de cursarem os cursos gratuitos nas universidades públicas, ocorre que em muitas delas não são oferecidos cursos especiais para os alunos da terceira idade, nem montadas classes só com eles, mas sim oferecidas algumas vagas nos cursos regulares de tais instituições aos interessados e, de um modo geral, só são aceitas pessoas com mais de 60 anos. Tal procedimento limita, bastante, a quantidade de alunos que podem se inscrever, pois, além de serem poucas as vagas, para poder acompanhar bem as aulas dos cursos regulares das universidades a pessoa precisa ter um grau de instrução de, pelo menos, segundo grau.

Não resta dúvida de que se trata de uma crítica bem fundamentada, considerando que, realmente, devido às condições de baixa renda do grosso da população idosa, aqueles que frequentam os cursos desenvolvidos nos estabelecimentos particulares provêm, na sua maioria, da classe média ou mesmo alta, pagando-os com seus próprios proventos de aposentados ou pensionistas ou, ainda, com o auxílio de familiares. Então, considerando a massa da terceira idade, existe mesmo a impressão de que os projetos realmente privilegiam aqueles estratos ou substratos de maior renda, dando-lhes, assim, um caráter elitista.

Entretanto, é necessário lembrar que, embora os cursos nas universidades ou faculdades sejam pagos, os preços cobrados dos alunos da terceira idade, em geral, não são muito elevados. Além do mais, muitas são as instituições que oferecem bolsas de estudo aos alunos carentes ou cobram taxas reduzidas a partir de convênios ou parcerias com entidades privadas. Destaque-se, da mesma forma, que as mantenedoras das universidades ou faculdades particulares têm encarado tais cursos mais como uma contribuição delas para a comunidade e não como uma fonte de lucros, como ocorre com os cursos regulares, daí serem os preços cobrados em algumas delas quase simbólicos. De qualquer forma, seria muito interessante se pensar na possibilidade de o poder público instituir alguma forma de subsídio às universidades particulares que mantêm cursos de extensão e outros para os segmentos de idosos, sob a forma de bolsas de estudo ou outras, na medida em que esses cursos representam, na prática, um verdadeiro serviço de utilidade pública. Nesse sentido, são inúmeros os depoimentos de alunos relatando como sua qualidade de vida melhorou, como se livraram da dependência de muitos medicamentos, como deixaram de precisar acionar constantemente seus familiares, como a saúde física e mental deles deixou de ser um problema constante, diminuindo consideravelmente suas idas e vindas a consultórios médicos e hospitais, e assim por diante. Quer dizer, se o poder público destinasse recursos para subsidiar tais cursos, a relação custo/benefício de tal contribuição seria altamente favorável, pois com isso poderia diminuir razoavelmente seus gastos em saúde pública e assistência social aos idosos.

Ainda do ponto de vista demográfico, chama-se atenção para o caso de os cursos desenvolvidos nas escolas particulares permitirem a inscrição de pessoas com menos de 60 anos, o que representaria uma espécie de "desvirtuamento" de objetivos, já que "terceira idade" englobaria apenas gente acima daquela faixa etária.

Embora sendo uma observação real, tem-se respondido a ela utilizando-se o argumento de que se trata de uma estratégia preventiva, ou seja, abre-se a possibilidade de as pessoas que se encontram no período que se poderia chamar de "pré-terceira idade" (entre 45 e 59 anos) já irem se conscientizando e aceitando a passagem do tempo de forma paulatina e serena, não esperando chegar à terceira idade propriamente dita para começar a pensar nos percalços da velhice, sendo pegadas como que de surpresa e se chocando com uma situação até então não pensada. As Universidades Abertas representariam, assim, uma maneira muito eficaz e agradável de preparo para o envelhecimento saudável e produtivo, diminuindo bastante os

traumas e desencantos que comumente acometem as pessoas que não se educam para lidar adequadamente com o passar dos anos.

Entrando agora pelas objeções relacionadas com o enfoque humanista, aponta-se que ao criar cursos específicos ou voltados para as pessoas nas fases pré ou plena terceira idade, os projetos das Universidades Abertas apresentariam um caráter segregador, isolando ainda mais essas porções etárias dos demais segmentos existentes na sociedade, isolando ainda mais os idosos dos contatos com os mais jovens.

De um modo geral, tem-se tentado responder tal tipo de questionamento de duas maneiras. Em primeiro lugar, argumenta-se que abrindo a possibilidade de pessoas com 45 anos já poderem se inscrever, isso já ampliaria muito os contatos intergeracionais, sendo que a camada menos idosa estaria se aproximando mais e entendendo melhor os mais idosos e viceversa, com proveito geral para todos os grupos, eliminando ou diminuindo as barreiras que normalmente soem ocorrer pela distância dos quinze anos e mais pela falta de maior contato entre os segmentos nas situações do cotidiano.

Em segundo lugar, rebate-se a acusação de segregação etária indagando-se se não existiria, de outra parte, um segregacionismo inverso, quer dizer, nos cursos regulares das universidades e faculdades étnima a presença de elementos com 45 anos e mais, seja porque as barreiras para ingresso em tais cursos desafiavam os mais velhos, seja pelo fato de os jovens não aceitarem de bom grado a presença de "coroas" (indivíduos com mais de 30 anos) em sala de aula, tornando o convívio entre eles hostil, indiferente ou mesmo discriminatório de parte a parte.

Adotando uma postura realista, a verdade é que tanto nos cursos regulares, como nos cursos de extensão das Universidades Abertas, os alunos tendem a estabelecer relações de convívio e sociabilidade tanto dentro das salas de aulas, como fora delas. Se no caso dos universitários a convivência e a sociabilidade estão ligadas a um mesmo interesse, relacionado com a formação profissional e a orientação para um determinado campo de trabalho, no caso dos alunos da terceira ou pré-terceira idade há um enfoque comum no sentido de ampliar ou reciclar conhecimentos e receber informações importantes para o seu desfrute pessoal, visando melhorar a auto-estima e auto-imagem e dispor de mais elementos para se integrarem melhor no mundo contemporâneo.

Abordando agora um terceiro tipo de crítica, ligado ao ponto de vista ético/humanista, fala-se que, não existindo outros pré-requisitos para o ingresso e realização dos cursos a não ser o referencial etário e não se exigindo dos alunos a realização de provas ou outras formas de avaliação para verificar seu aproveitamento, os projetos não passariam de uma extensão, um pouco mais elaborados, dos programas oferecidos à população idosa por outras organizações sociais que não as universidades, citando-se os exemplos do trabalho do Serviço Social do Comércio (SESC) e/ou de grupos de convivência existentes na comunidade, em que predominam as atividades lúdicas.

Dessa forma, sugere-se que os cursos de extensão desenvolveriam uma linha de trabalho paternalista e protecionista, não oferecendo conhecimentos mais profundos, ficando na superficialidade das informações.

Isso, todavia, não é verdade, pelo menos para a grande maioria das propostas que estão em desenvolvimento em todo o território nacional. Se de fato não há exigências de diplomas ou certificados de cursos anteriores, se não existem provas ou a obrigação de realização de trabalhos e se as aulas são ministradas de forma a possibilitar a perfeita compreensão dos alunos, levando em conta a heterogeneidade da formação educacional de cada um, isso não quer dizer que não se procure motivar profundamente o alunado para aproveitar bem cada matéria, nem que se faça uma simplificação ingênua do conhecimento científico. Prova disso, como foi salientado noutra parte deste texto, é que os professores se admiram como, na situação concreta de sala de aula, a grande maioria dos presentes consegue acompanhar com

enorme interesse e aproveitamento tudo aquilo que é ministrado, a ponto de muitos docentes confessarem que ao comecarem a trabalhar com tais grupos recuperaram o prazer de lecionar, prazer esse um tanto perdido no trato com os universitários dos cursos convencionais.

### **Consideracoes aditivas**

Saliente-se, em acréscimo, que mesmo minimizando-se a riqueza de todo o processo pedagógico contida nos projetos, restaria o fato extremamente importante de que a simples saída de casa, duas ou três vezes por semana, para comparecer às aulas e demais atividades proporcionadas pelos diferentes cursos oferecidos nas mais diferentes regiões brasileiras (dancas, canto coral, ensino de linguas, teatro, informática, visitas monitoradas a espaços culturais, passeios etc.), constitui-se em fator importante de quebra de isolamento e solidão dos alunos, proporcionando-lhes condições para derrubar muitos tabus, estereótipos e preconceitos sociais relativos aos mais velhos, levando-os a contestar e rever muitos dos papéis sociais que a sociedade procura lhes impor, principalmente no que se refere ao público feminino, que, diga-se de passagem, forma quase 99% do corpo discente.

Há, por fun, mais um ponto apontado como falho nos projetos, considerando-se a ótica instrumental. Diz-se que nos cursos existentes, ou na maioria deles, não se estaria preparando os alunos para que eles pudessem transferir para a comunidade os ensinamentos e práticas obtidos dentro e fora do espaço acadêmico, de modo que a experiência se encontraria quase inteiramente voltada para um consumo e aproveitamento individual.

Lamentavelmente, tal reparo tem algum fundamento. De fato, poucos são os exemplos de cursos em que os alunos estão sendo capacitados para exercerem uma participação voluntária em projetos sociais, tipo alfabetização de adultos e adolescentes, resgate e preservação da memória histórica e cultural, proteção ambiental, reinserção de aposentados no mercado de trabalho, geração de renda para desempregados jovens ou de meia-idade, entre outros. Nesse sentido, seria muito importante que os responsáveis pela coordenação de tais projetos trocassem mais informações e se empenhassem em estimular os alunos a se engajar em trabalhos comunitários.

Por fmi, a gulsia de conclusão a respeito de tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que, embora os cursos de extensão voltados para a terceira idade (quaisquer que sejam os nomes que recebam) não se constituam em panacéia para todos os problemas que afetam a população idosa brasileira, nem sejam um trabalho isento de reparos, alguns dos quais citados aqui, eles se constituem, sem dúvida, numa excelente alternativa à indesejável e perigosa inatividade e surgem como um canal muito eficiente de participação e reintegração social, contribuindo de modo concreto para ensinar melhor qualidade de vida às pessoas quando elas atingem a maturidade.

Além disso, fica como grande conquista das Universidades Abertas algo de enorme significado, que pode ser destacado em dois planos:

1) no plano pessoal representa a possibilidade concreta que cada um tem de melhorar como indivíduo, passando a acreditar mais em si mesmo e redescobrir todo o seu potencial para ir em busca de realizar seus sonhos, fazer e concretizar projetos de vida, de renascer, de reviver, de reencontrar a alegria;

2) no plano coletivo representa a criação de um espaço efetivo de participação, onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser compartilhados e, ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga, quando essa etapa da vida era vista como um conjunto assustador de todo tipo de perdas, frustrações e falta de perspectivas.

Para finalizar, é preciso dizer que os cursos de extensão voltados para a terceira idade tem possibilitado um grande questionamento da velhice colocada num plano apenas de responsabilidade individual, tipo "só é velho quem quer", para recolocá-la como uma questão que abarca toda a sociedade humana e em especial a sociedade brasileira, ou seja, a maioria dos problemas que esmagam os idosos não está nas pessoas, mas nas estruturas sociais injustas e cruéis, que precisam ser urgentemente transformadas.